

tecimentos podem ser completamente diferentes. Existe uma centena de dias durante os quais o conjunto da vida grupal ou do sistema sócio-cultural se transforma fundamentalmente. Existem, entretanto, outros períodos de cem dias em que não ocorrem grandes modificações; a vida passa sem ser afetada por qualquer sucesso perturbador, dia após dia. O mesmo é verdadeiro para uma ainda maior extensão de modificações em diferentes sociedades ou sistemas sócio-culturais. Um ano de vida numa sociedade moderna é sobrecarregado com maiores e mais numerosas alterações do que cinquenta anos de existência em alguma tribo primitiva e isolada. O ritmo dos acontecimentos — através dos quais e pelos quais percebemos o passar do tempo — é diferente, tal como uma sinfonia com movimentos lentos e com um rápido *scherzo*, cada qual é sentido diretamente, sem o auxílio de um relógio.

Se estamos interessados em aprender os ritmos verdadeiros de cada "movimento" que é, como tal, um conjunto ou um "conglomerado" e não mera computação pedante de quantos minutos matemáticos existem nesse ou naquele movimento, devemos estar capacitados para captar esses ritmos como um dado imediato. Isso posto, compreenderemos as diferentes "pulsões" do tempo social nos diversos momentos de existência do sistema sócio-cultural.

3.º) *Os momentos do tempo sócio-cultural são desiguais; não se desenvolvem uniformemente mas possuem momentos repletos de acontecimentos, momentos críticos e momentos, ou intervalos, em cuja duração nada aconteceu,*

mera pausa entre os momentos repletos de sucessos. Nós os apreendemos sob a forma de ritmos, cesuras e outros momentos da marcação do tempo sócio-cultural.

4.º) *O tempo sócio-cultural não é infinitamente divisível.*

Existem períodos longos ou breves — uma hora, um dia, uma semana, um ano, vinte e cinco ou mais anos — que, para um determinado processo social, são unidades que não permitem uma ulterior divisão ou subdivisão. Pode-se alugar um quarto por um dia ou por uma semana mas raramente por uma hora

ou por um minuto. Pode-se redigir um contrato por um ano ou por um semestre, mas raramente por curtos períodos. Alguns acontecimentos, como os comemorativos das bodas de prata ou de outra festa qualquer, podem ocorrer somente após um certo intervalo de anos.

5.º) *O tempo sócio-cultural é totalmente qualitativo.*

6.º) O tempo sócio-cultural não é um desenvolvimento vazio, mas sim um tempo *produtivo*, que, no seu transcorrer, se transforma numa importante agência criadora, modificadora e transformadora de grande número de processos sócio-culturais. Nos países capitalistas, o tempo chega a ser uma agência de interesses comerciais, de dividendos, de lucro, agência que determina freqüentemente a vitória ou a derrota de exércitos, o destino de pessoas e de sociedades etc.

7.º) O tempo sócio-cultural possui uma estrutura peculiar de três planos — o da *æternitas*, o da *ævum*, e o de *tempus* propriamente — praticamente ausente em qualquer outra concepção de tempo.

*Funções fundamentais do tempo sócio-cultural.* — Exporemos agora as mais importantes características do tempo sócio-cultural. Suas funções são:

- 1) Sincronização e coordenação (ou seqüência temporal) de um fenômeno sócio-cultural com outros fenômenos da mesma classe, especialmente com aqueles tomados como ponto de referência.
- 2) Organização do sistema de tempo para a continuidade sócio-cultural e para a orientação do fluxo infinito do tempo.
- 3) Expressar as pulsões dos sistemas sócio-culturais e, ao mesmo tempo, propiciar tais pulsões ou ritmos, necessários para a vida e funcionamento de qualquer sistema sócio-cultural.

Estando os seres humanos destinados a viver e a agir coletivamente, uma das condições indispensáveis para toda possível

tecimentos podem ser completamente diferentes. Existe uma centena de dias durante os quais o conjunto da vida grupal ou do sistema sócio-cultural se transforma fundamentalmente. Existem, entretanto, outros períodos de cem dias em que não ocorrem grandes modificações; a vida passa sem ser afetada por qualquer sucesso perturbador, dia após dia. O mesmo é verdadeiro para uma ainda maior extensão de modificações em diferentes sociedades ou sistemas sócio-culturais. Um ano de vida numa sociedade moderna é sobrecarregado com maiores e mais numerosas alterações do que cinquenta anos de existência em alguma tribo primitiva e isolada. O ritmo dos acontecimentos — através dos quais e pelos quais percebemos o passar do tempo — é diferente, tal como uma sinfonia com movimentos lentos e com um rápido *scherzo*, cada qual é sentido diretamente, sem o auxílio de um relógio.

Se estamos interessados em aprender os ritmos verdadeiros de cada "movimento" que é, como tal, um conjunto ou um "conglomerado" e não mera computação pedante de quantos minutos matemáticos existem nesse ou naquele movimento, devemos estar capacitados para captar esses ritmos como um dado imediato. Isso posto, compreenderemos as diferentes "pulsões" do tempo social nos diversos momentos de existência do sistema sócio-cultural.

3.º) *Os momentos do tempo sócio-cultural são desiguais; não se desenvolvem uniformemente mas possuem momentos repletos de acontecimentos, momentos críticos e momentos, ou intervalos, em cuja duração nada aconteceu,*

mera pausa entre os momentos repletos de sucessos. Nós os apreendemos sob a forma de ritmos, cesuras e outros momentos da marcação do tempo sócio-cultural.

4.º) *O tempo sócio-cultural não é infinitamente divisível.*

Existem períodos longos ou breves — uma hora, um dia, uma semana, um ano, vinte e cinco ou mais anos — que, para um determinado processo social, são unidades que não permitem uma ulterior divisão ou subdivisão. Pode-se alugar um quarto por um dia ou por uma semana mas raramente por uma hora

ou por um minuto. Pode-se redigir um contrato por um ano ou por um semestre, mas raramente por curtos períodos. Alguns acontecimentos, como os comemorativos das bodas de prata ou de outra festa qualquer, podem ocorrer somente após um certo intervalo de anos.

5.º) *O tempo sócio-cultural é totalmente qualitativo.*

6.º) O tempo sócio-cultural não é um desenvolvimento vazio, mas sim um tempo *produtivo*, que, no seu transcorrer, se transforma numa importante agência criadora, modificadora e transformadora de grande número de processos sócio-culturais. Nos países capitalistas, o tempo chega a ser uma agência de interesses comerciais, de dividendos, de lucro, agência que determina freqüentemente a vitória ou a derrota de exércitos, o destino de pessoas e de sociedades etc.

7.º) O tempo sócio-cultural possui uma estrutura peculiar de três planos — o da *æternitas*, o da *ævum*, e o de *tempus* propriamente — praticamente ausente em qualquer outra concepção de tempo.

*Funções fundamentais do tempo sócio-cultural.* — Exporemos agora as mais importantes características do tempo sócio-cultural. Suas funções são:

- 1) Sincronização e coordenação (ou seqüência temporal) de um fenômeno sócio-cultural com outros fenômenos da mesma classe, especialmente com aqueles tomados como ponto de referência.
- 2) Organização do sistema de tempo para a continuidade sócio-cultural e para a orientação do fluxo infinito do tempo.
- 3) Expressar as pulsões dos sistemas sócio-culturais e, ao mesmo tempo, propiciar tais pulsões ou ritmos, necessários para a vida e funcionamento de qualquer sistema sócio-cultural.

Estando os seres humanos destinados a viver e a agir coletivamente, uma das condições indispensáveis para toda possível

ação coletiva é uma sincronização do tempo, ou coordenação das partes envolvidas. Se X combina encontrar Y, ambos devem combinar o lugar e a hora. De outra maneira, se X chegar cinco horas depois de Y, nem o encontro nem a ação coletiva serão possíveis. Se os operários de uma fábrica não chegam "na hora" em seu local de trabalho, o trabalho coletivo torna-se impossível. O mesmo é verdadeiro para qualquer ação coletiva, seja ela uma tarefa, uma luta, uma cerimônia, uma procissão, uma reunião, ou qualquer outra coisa.

O domínio das formas e maneiras de regularizar temporalmente o comportamento dos membros de qualquer grupo, de modo que cada membro saiba a "hora marcada" tal como os demais, tornou-se, possivelmente, a necessidade mais urgente da vida social, em qualquer época e em qualquer lugar. Sem isso, a própria vida social seria impossível. A coordenação do comportamento dos membros de um grupo regulada temporalmente tornou-se indispensável para a adaptação dos membros da sociedade entre si. Esta adaptação temporal das ações ou movimentos entre amigos ou inimigos, tornou-se mais importante do que suas aplicações aos eventos naturais. Ela teria que ser "mútua" para todas as pessoas pertencentes ao mesmo sistema social de interação. Nesse sentido, seus pontos de referência são os fenômenos sociais e não outros ("quando seu pai chegar, então você faça isso"; "quando as vacas estiverem dando leite"; "quando a colheita for segada", e assim por diante). É verdade que alguns dos fenômenos naturais (o pôr do sol, o amanhecer, o inverno, o meio-dia, a noite, o dia chuvoso etc.) são amiúde utilizados como meios de marcação do tempo. Porém, como pudemos verificar, eles servem unicamente como meios de registro, quando as atividades ou os fenômenos sociais aparecem; não são utilizados em si mesmos. A regulamentação horária serve para coordenar as ações ou fenômenos sociais "temporais", mas não os fenômenos sociais e naturais em si. Esses últimos fenômenos são somente modos da coordenação temporal das atividades. Quando os instrumentos artificiais de tal coordenação horária são inventados (como os diversos tipos de relógios), passam a ser utilizados para medir o tempo cada vez mais regularmente do que os fenômenos naturais.

O mesmo pode ser dito da *continuidade de tempo de diversos acontecimentos sociais e históricos*, ou da realização da continuidade sócio-cultural e da orientação infinita do fluxo do tempo. Aqui a natureza social dos pontos de referência é ainda mais evidente. Tomemos qualquer sistema cronológico — o dos antigos babilônios, egípcios, chineses, hebreus, gregos, romanos, hindus, coreanos, árabes, maometanos da Idade Média ou da moderna Europa — e descobriremos as seqüências de tempo construídas com base em algum acontecimento social tomado como *era* ou *ponto de referência*, antes e depois do que os outros acontecimentos são situados.

A cronologia babilônica era mantida de acordo com as eras. Por exemplo, a era selêucida (312 a.C.) tinha sua origem tanto na Batalha de Gaza como no assassinio de Alexandre IV (311 a.C.). As outras eras — a primeira e a última — da mesma maneira se originaram de algum acontecimento social de grande importância.

Os antigos egípcios marcavam o ano de acordo com a duração de um reinado, sendo cada rei o ponto de partida de uma nova era. O começo do ano arábico é a Hégira, 15 de julho de 622, onde percebemos novamente um sucesso social de grande importância. Entre os persas, igualmente, as eras significam relevantes eventos sociais. Assim, à guisa de exemplo, uma de suas eras foi o ano de 632, com a morte do último rei da dinastia sassânida. A outra era foi a do ano 1079, iniciado com importantes acontecimentos sociais.